

**A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NOS ROMANCES VIDAS SECAS DE
GRACILIANO RAMOS E OS CORUMBAS DE AMANDO FONTES**

SANTOS, Lucimeire de Andrade.

Lucimeire.santos@banese.com.br

SANTOS, Josane Cristina Batista (Orientadora) Graduada em Letras e História.

Professora dos cursos de Letras e História da Universidade Tiradentes - UNIT

RESUMO:

Neste artigo será feito um estudo comparativo sobre a mulher nos romances *Os Corumbas* de Amando Fontes e *Vidas Secas* de Graciliano Ramos. Para tanto, fez-se necessário contextualizar as obras e os autores, que se fizeram conhecer na década de 1930, correspondente a Segunda Fase do Modernismo Brasileiro. Época em que ocorreram grandes transformações, tanto no âmbito internacional com a queda da Bolsa de Nova York, quanto nacional com a ascensão de Getúlio Vargas.

Palavras-Chave: Seca. Determinismo. Exploração

O presente artigo tem como objetivo analisar a representação da mulher nos romances *Vidas Secas* de Graciliano Ramos e *Os Corumbas* de Amando Fontes. Para tanto, faz-se necessário observar o momento histórico no qual as obras e os autores estão inseridos, tendo em vista que o momento literário, muitas vezes, está relacionado com o momento histórico.

O período que corresponde à década de 1930 reflete em seu momento histórico uma instabilidade mundial muito grande. A queda da Bolsa de Nova York, em 1929, agrava os problemas sociais de muitos países. No Brasil, Getúlio Vargas chega ao poder. Durante a Era Vargas a burguesia industrial ganha força e passa a ocupar posições de destaque, enquanto o poder das oligarquias agrárias declina. A classe média e o operariado crescem e tornam-se cada dia mais presente na vida política em busca de seus direitos.

É nesse panorama que surge a prosa regionalista que visa mostrar as contradições e conflitos de um Brasil que se acha moderno, urbano e industrializado, porém, atrasado quando se leva em consideração sua diversidade regional. Os romances de temática agrária retratam o problema da seca que em muitos casos tem como consequência o êxodo rural forçado, deixando em evidência a desigualdade social, o coronelismo, o determinismo etc.

De acordo com OLIVEIRA, (2002, p. 310) a prosa do regionalismo nordestino tem raízes no Romantismo, nas obras de Franklin Távora e Bernardo Guimarães, e no Realismo / Naturalismo, com a produção de Domingos Olímpio, entre outros. O ciclo do regionalismo nordestino é um dos principais dessa geração. São abordados os inúmeros problemas de um Nordeste decadente após a transferência do pólo cultural e político do Brasil para o Sul. A miséria, as relações do homem do povo com o poder e com os poderosos, a hostilidade do meio

estéril e ingrato, o descaso dos políticos com esse estado de coisas, tudo enfim que permanece àquele universo passa a ser abordado num tom crítico sem precedentes em nossa Literatura.

Graciliano Ramos nascido em Quebrângulo (AL) no ano de 1892, estudou em Maceió, não chegou a cursar uma faculdade. Morou em Palmeira dos Índios, chegando a ser Prefeito desta cidade. Esteve sempre preocupado com os problemas educacionais do Brasil. Faleceu no Rio de Janeiro no início dos anos cinquenta.

Segundo Alfredo Bosi, (1994, p. 402) o Realismo presente nas obras de Graciliano Ramos não é orgânico nem espontâneo. É crítico. O “herói” é sempre um problema: não aceita o mundo, nem os outros, nem a si mesmo. Sofrendo pelas distâncias que o separam da placenta familiar ou grupal, introjetando o conflito numa conduta de extrema dureza que é a sua única máscara possível. E o romancista encontra no trato analítico dessa máscara a melhor forma de fixar as tensões sociais como primeiro motor de todos os comportamentos.

O romance *Vidas Secas* tem como tema a fuga de uma família da seca do sertão nordestino. A história se desenvolve com o estabelecimento da família numa fazenda abandonada e com a posterior contratação de Fabiano como vaqueiro. Quando a seca atinge a fazenda, há uma nova fuga, agora em busca da cidade grande, sem destino e sem esperança.

Já Amando Fontes nasceu em Santos, em maio de 1899, porém, aos cinco meses de idade ficou órfão de pai, e por isso, a família voltou para Aracaju. Em 1933 publicou *Os Corumbas*, esse livro foi o primeiro a receber o prêmio Felipe d’Oliveira. Amando Fontes faleceu em dezembro de 1957.

Segundo Nelson Werneck Sodré, (1995, p. 521 e 522) em Amando Fontes a descrição dos fatos é linear, plana, monótona e o drama das criaturas parece decorrer de uma fatalidade inexorável que se repete. Porém, o tema na verdade, é o efeito da miséria: “O que o autor propriamente quis mostrar no seu romance, como numa folha de documento, foram os efeitos da miséria, e, não mais desinteressadamente, os efeitos da vida. São esses efeitos particulares da miséria, independente da vida íntima dos personagens que ele mostra com boa observação”.

O romance *Os Corumbas*, predominantemente neo-realista, relata a saga de uma família que, não suportando a vida dura do sertão nordestino, muda-se para a cidade do Aracaju em busca de dias melhores.

A Segunda fase do Modernismo caracteriza-se como o período de amadurecimento das idéias e do Regionalismo. Apresenta um momento histórico tumultuado em todo o mundo.

A linguagem procura expor a realidade focalizando o aspecto social. Seja expondo a vida das grandes cidades, deixando em evidência as desigualdades sociais, observadas na vida urbana brasileira ou focalizando a realidade regional do país, dando origem a Prosa Regionalista que evidencia a seca e os flagelos dela provenientes. Existe uma preocupação muito grande da prosa com o homem do Nordeste, tendo em vista as dificuldades de sua vida precária e as condições físicas (geográficas) do lugar, assim como a submissão dos trabalhadores aos proprietários de terras que provêm, muitas vezes, da falta de instrução.

O romance *Os Corumbas* de Amando Fontes começou a ser escrito por volta de 1919, logo após a Primeira Guerra Mundial. De acordo com Lúcia Luppi Oliveira:

O impacto da Primeira Guerra Mundial é menção constante nos depoimentos e memórias dos intelectuais que viveram tal conflito. Como nos diz Alceu Amoroso Lima, foi este conflito que nos

permitiu o “despertar do ceticismo” e produziu a “volta” às nossas raízes, que mais tarde nos iriam levar a reação modernista. (Coleção Temas Brasileiros. São Paulo, 1980, p. 509)

O romance relata a história de uma família, a dos Corumbas, que devido à seca, emigra do interior para a capital, Aracaju, onde há a esperança de encontrar trabalho numa das duas fábricas de fiação. Das quatro filhas: Rosenda, Albertina, Bela e Caçulinha, esta última de saúde delicada, morre. As outras três, em breve serão lançadas à prostituição. Um único filho homem, influenciado pelas idéias políticas, emigra para o Sul. Enfim, os pais, não suportando a desorganização da família, resolvem voltar à terra natal de onde nunca deveriam ter saído.

Ao tratar do operariado, o autor nos remete a revolução de 1917 como pode ser observado na fala de José Afonso (amigo de Pedro), ao iniciar o seu gosto pelas questões políticas: “Foi ali, lendo, em razão do ofício, telegramas e notícias sobre o movimento operário no mundo, que lhe veio aquele anseio de conhecer as idéias novas, as reformas sociais que se operavam em outros países” (FONTES, 2003, p.88). E mais tarde, com mais veemência, se fizeram presentes às insatisfações do operariado a favor da melhoria dos ordenados, da diminuição das horas de serviço e o pagamento de um adicional para o trabalho noturno:

“Uma questão operária em Aracaju! A cidade presa de pânico, fervendo sob os mais disparatados boatos. Grupos nas esquinas, nas casas de comércio, só a falar no caso. Automóveis passando rápidos, ora conduzindo grevistas, ora cheios de soldados”. (FONTES, 2003, p. 99)

Porém, não demorou muito para que as autoridades locais estancassem as manifestações dando voz de prisão aos principais líderes e deportando-os logo em seguida como se fossem seres extremamente perigosos.

Após a partida de Pedro, o orçamento familiar diminuiu drasticamente, pois o mesmo era o que tinha um salário melhor. Tal fato fez com que Bela tivesse que começar a trabalhar na

fábrica de tecido e conseqüentemente largasse os estudos. De saúde frágil, não demorou a aparecerem os problemas que culminaram em sua morte.

Daí o foco da narrativa vai para as filhas dos Corumbas que, uma a uma, foram seguindo para um destino diferente daquele idealizado pelos pais ao saírem do sertão. Primeiro foi Rosenda que fugiu com um cabo de polícia chamado Inácio dos Santos, e posteriormente foi abandonada, o que a levou para a prostituição.

Depois foi a vez de Albertina que começou a namorar o Dr Fontoura, o que deixou os pais bastante apreensivos: “Pedro, arrancado com violência do seu lar; a morte prematura de Bela; uma filha já atirada ao infortúnio e a outra prestes a percorrer a mesma trilha...” (FONTES, 2003, p. 163)

Não demorou muito para que as tristes expectativas se confirmassem de uma maneira ainda mais cruel, tendo em vista que Rosenda fugira com um homem do mesmo nível social que o dela. Porém, Albertina saiu de seu lar para viver às custas de um homem rico, que não tinha interesse em casar-se com ela.

A partir de então, depositaram todas as suas expectativas em Caçulinha que havia ficado noiva do sargento Zeca. Mas, pouco depois, perderam essa última esperança. Diante dos sonhos desfeitos, a família separada, os pais decidiram voltar para o interior, de onde chegaram a conclusão, nunca deveriam ter saído.

No decorrer da leitura é possível observar que as personagens femininas já possuem os seus destinos traçados pela sua condição social, ou seja, por serem pobres só possuem dois caminhos: morrerem ou serem tragadas pela prostituição. E o ponto de partida para se chegar à

prostituição é a fábrica de tecidos, onde estão os patrões que decidem a “sorte” das moças. Porém, segundo Margareth Rago, a importância do aspecto social está além do determinismo, pois, se para o operariado não há esperança, nem no sertão nem na cidade, somente a revolução faria algo por ele. Revolução esta resultante do acordo voluntário e considerado dos esforços individuais para o fim comum. Já Massaud Moisés, considera demais acreditar que somente a revolução pudesse fazer algo por e para o oprimido.

Em contrapartida, o romance *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, publicado em 1938, trata não do operariado recém-chegado do interior expulsos pela seca, e sim, daqueles que afetados pela seca partem em busca de uma terra menos árida.

Esse romance está dividido em treze capítulos: Mudança, Fabiano, Cadeia, Sinhá Vitória, O menino mais novo, O menino mais velho, Inverno, Festa, Baleia, Contas, O soldado amarelo, O mundo coberto de penas e Fuga. A linguagem é “seca”, econômica, assemelhando-se a natureza que a cerca. Até certo ponto os capítulos possuem autonomia, podendo ser lidos isoladamente como se fossem pequenos contos, porém, eles estão ligados pela temática: o fato de serem nordestinos, suas dificuldades e desgraças diárias.

O capítulo mudança evidencia a fuga da família de retirantes com fome e cansados. Num dado momento eles param para comer um preá que a cachorra, Baleia, consegue capturar. Nesse instante uma nuvem começa a se formar no céu, prenunciando chuva. Daí eles se dão conta de que estão numa fazenda abandonada e decidem se instalar cheios de sonhos.

O segundo capítulo refere-se a Fabiano. A partir do momento em que chove na fazenda o dono aparece. Este permite que Fabiano e sua família instalem-se na fazenda, porém, sendo

Fabiano empregado como vaqueiro. Fabiano considera-se um bicho e preocupa-se em educar os filhos para que possam seguir seus passos. Fabiano vai à cidade fazer compras. Nesse capítulo ele é preso e espancado por um soldado amarelo. Na prisão, ele pensa na sua condição miserável, querendo vingar-se.

Sinhá Vitória sonha apenas com uma cama de lastro de couro e fica triste quando Fabiano ri dos sapatos que ela usava nas festas. O menino mais novo idolatra a figura do pai, quer somente conquistar a admiração de Baleia e do seu irmão. O menino mais velho admira as palavras e tenta entendê-las, porém, os pais não conseguem explicar para ele o significado. No capítulo inverno é possível perceber a euforia da família, apesar do frio e do desconforto que os impedem de dormir.

No capítulo festa, fica evidente o deslumbramento da família diante de tantas coisas coloridas. No seguinte capítulo, que é dedicado à Baleia, tem-se a narração de sua morte e os sentimentos por ela provocados. Em contas, tem-se a exploração do fazendeiro e do fiscal da prefeitura que quer cobrar imposto quando Fabiano tenta vender um porquinho na cidade.

Um dia Fabiano reencontra o soldado amarelo, que o prendeu, perdido, num primeiro momento ele pensa em se vingar, mas, decide ensinar o caminho ao soldado. Em o mundo coberto de penas, algumas aves prenunciam a seca, Fabiano abate algumas para salgá-las e levá-las quando a estada deles ali, terminasse. Em fuga, Fabiano e a família fogem novamente do sertão, agora, em direção a cidade.

O foco narrativo do romance é de terceira pessoa. O narrador é onisciente. Pode-se constatar que o discurso é indireto livre quando a fala do narrador e do personagem se

confundem. O tempo narrativo está entre duas secas: a que leva a família para a fazenda e a que os levam para o Sul. Porém, que fica evidente é o tempo psicológico. O espaço é o sertão do Nordeste ou qualquer lugar onde a seca esteja presente, por exemplo, na vida daquelas pessoas.

O título dessa obra, segundo Clenir Bellezi de Oliveira, (2000, p. 316) pode ter uma relação direta com a aridez do meio adverso que empurra as pessoas para uma condição de miséria, ignorância, de animalidade. A luta diária pela sobrevivência exclui qualquer possibilidade de requinte, de sentimentalismo: suas vidas secas, desprovidas de seiva. Até o vocabulário é precário, muitas vezes, comunicam se por meio de ruídos, resmungos:

“O menino estava ficando muito curioso, muito enxerido. Se continuasse assim, metido com o que não era da conta dele, como iria acabar? Repeliu-o vexado:

- Esses capetas tem idéias...

Não completou o pensamento, mas achou que aquilo estava errado. Tentou recordar o seu tempo de infância, viu-se miúdo, enfezado, a camisinha encardida e rota acompanhando o pai no sertão, interrogando-o de balde. Chamou os filhos, falou de coisas imediatas, procurou interessá-los. Bateu palmas:

- Ecô! Ecô!” (RAMOS, 2000, p. 20)

O romance conta a fuga de uma família da seca do sertão nordestino, as principais personagens são: Fabiano, o pai, Sinhá-Vitória, a mãe, dois filhos e a cachorra Baleia. Fabiano é um homem bruto que tem muitas limitações ao lidar com palavras e pensamentos, chegando a sentir-se um bicho. Não tem grandes pretensões e nem esperanças. Da mesma forma não se suporta e não suporta o mundo em que vive. Sinhá Vitória, sua esposa, expressa-se um pouco melhor . O menino mais novo parece não ter nome e seu sonho é ser igual ao seu pai. Nas mesmas condições está o filho mais velho que se conforma em ter como único amigo Baleia , a cachorra.

A história inicia-se quando Fabiano chega a uma fazenda e é contratado como vaqueiro. De acordo com Clenir Bellezi de Oliveira, Fabiano, assolado pelo meio hostil que o reduz a uma condição quase animalésca, de miséria e de ignorância, é impiedosamente explorado e humilhado. E a “máscara” da dureza torna-se a defesa desse personagem que, através dela, procura preservar-se do sofrimento imposto pelas relações de domínio e poder (OLIVEIRA, 2000, p. 312). Certa vez, Fabiano vai à venda comprar mantimentos e acaba por embriagar-se. Daí aparece um homem amarelo (policial) que o chama para jogar baralho. Durante o jogo, acontece um desentendimento e Fabiano acaba preso sendo maltratado e humilhado. Devido a esse fato sua insatisfação com o mundo e com sua própria condição de homem rude, do campo aumenta. Sinhá Vitória começa a desconfiar que Fabiano está sendo lesado pelo patrão. Baleia adoece e Fabiano é obrigado a sacrificá-la. Esse é um dos poucos momentos em se percebe sentimento, pois a cachorra fazia parte da família. Após um tempo a seca atinge a fazenda e a família é obrigada a fugir novamente.

A mulher, representada por Sinhá Vitória não possui grandes ambições. Seu único sonho é ter uma cama de couro e sucupira, igual a de seu Tomás da Bolandeira. Já o seu medo é o da seca. Ela tem pavor só em pensar que seca possa os atormentar novamente e junto com ela a vida antiga de privações: “Um mormaço levantava-se da terra queimada. Estremeceu lembrando-se da seca, o rosto moreno desbotou, os olhos pretos arregalaram-se. Diligenciou-se afastar a recordação, temendo que ela virasse realidade” (RAMOS, 2000, p. 41). A sua vida, devido ao mundo em que vive, cheio de limitações, é seca, apresentando uma decadência física e intelectual diante da incapacidade de compreensão do mundo e a impotência frente as intempéries da natureza. Porém, como nos disse Euclides da Cunha, o sertanejo é antes de tudo um forte, por

isso fica evidente a força e a resistência dessas pessoas em face de tantas dificuldades e a capacidade de ainda sonharem com dias melhores: “Ia chover. Bem. A catinga ressuscitaria, a semente do gado voltaria ao curral...” (RAMOS, 2000, p. 15)

Já em *Os Corumbas*, a seca expulsa a família do sertão e Sá Josefa teve a idéia de ir com a família para Aracaju e enumerava suas razões:

“Na capital, havia emprego decente para as duas meninas mais velhas. Era nas fábricas de tecido. Estavam assim de moças, todas ganhando bom dinheiro... Pedro não custaria em conseguir um bom lugar, como ferreiro ou maquinista... Uma outra vida, enfim. Vestia-se melhor, andava-se no meio de gente... Depois, tinha assim uma certeza, uma espécie de presentimento, de que lá as filhas logo casariam. Isso, as mais velhas. As duas mais novas iriam para a escola. Não precisavam até de trabalhar. Caçulinha, que era tão viva e inteligente, bem poderia chegar a professora...” (FONTES, 2003, p. 28)

Pode-se perceber, através do trecho acima, que Sá Josefa sonhava com uma vida melhor para suas filhas, longe da seca e de suas conseqüências amargas. Os seus desejos, porém, não vão muito além, de alguns direitos que não poderiam faltar a ninguém, por serem garantidos por lei. Por exemplo, emprego, moradia, vestuário, educação etc. Mas, o mundo industrial é explorador e não garante as necessidades básicas para que as pessoas possam viver decentemente: “Estava ganhando um quase-nada. Sete mil-réis por semana! Um horror! Nem podia comprar um sapato melhor, um vestidinho mais assim...” (FONTES, 2003, p. 41)

Sá Josefa, como se pode observar, é a pessoa que dirige a família. É uma mulher determinada, trabalhadora, que busca encaminhar os filhos em uma direção diferente da que escolheu para si. No entanto, ao chegar na nova cidade Sá Josefa continuou tendo uma vida difícil:

“Permaneceu ainda uns momentos estiradas obre a enxerga. De repente, lembrando-se das mil ocupações que a esperavam, levantou-se às carreiras, falando consigo mesma:

_ Virgem Maria! É de hoje que o relógio deu quatro horas!... deixe-me fazer o café para acordar o pessoal.

Apanhou do chão a caixa de fósforos e acendeu o pavio de algodão do alcoviteiro. Uma luz mortiça espalhou-se pelo quarto, mobiliado apenas pela cama de pinho sem verniz, uma cadeira de peroba mal lavrada, e, a um canto, o baú de folha-de-flandres, pintado de verde, com umas florzinhas amarelas.

Antes de enfiar o vestido que jazia sobre a cadeira ao lado, a velha deixou-se ficar por uns instantes no meio do quarto, em camisa, espreguiçando-se.

Alta e magra. O rosto, com alguns sulcos profundos, era de uma palidez embaçada. Costumava dizer que tinha ficado assim depois das febres.” (FONTES , 2003, p. 34)

Porém, Sá Josefa não perde a esperança de um dia mudar de vida: “Tenha paciência, minha filha. Um dia, a gente melhora... Isso não há de ser assim por toda a vida...” (FONTES, 2003, p. 51)

Já as filhas dos Corumbas achavam uma injustiça trabalharem tanto e não poderem se divertir um pouco. Mas, o que a mãe não queria era que elas caíssem na “lábria” de um qualquer , como de fato veio a acontecer mais tarde.

Rosenda, a filha mais velha dos Corumbas, era uma pessoa de gênio difícil, andava sempre reclamando do trabalho, da esmola que recebia, da vida que levava. Quando o assunto era casamento então, ela bravava furiosa: “Estes pestes hoje nem pensam em se casar! Só querem se aproveitar da gente, os descarados!” (FONTES, 2003, p. 67). No entanto, na verdade o que ela tinha era despeito, pois, já estava perto de completar trinta anos e os homens não demonstravam interesse por ela. Por isso, quando o cabo Inácio demonstrou-lhe interesse, ela o acolheu rapidamente. E como os pais não aceitaram o namoro, ela resolveu fugir com ele: “Combinaram tudo ali mesmo, sem perda de um minuto. E no dia aprazado, uma quinta-feira, pela tarde, encontraram-se pertinho da estação, para tomar o trem, que dali a pouco já partia, rumo ao Sul.” (FONTES, 2003, p. 82)

A segunda filha, Bela, sempre foi uma menina de saúde debilitada, ao ingressar na fábrica, piorou consideravelmente:

“Sentada no catre, magríssima, na sua grossa camisa de algodão, a rapariga arfava fundamente, na ânsia de levar um pouco de oxigênio até os pulmões. Seus grandes olhos negros não paravam, interrogativos e inquietos, como se estivesse acometida de um delírio. Cansou-se por fim, de estar sentada. Quis deitar-se de novo. Porém, o ar faltou-lhe por completo. Um acesso mais violento assaltou-a, trazendo-lhe uma golfada de sangue até a boca. Outra, em seguida. E, pelo correr da madrugada, de toda vez que tossia com mais força, o sangue vinha”.(FONTES, 2003, p. 119)

Bela morria lentamente, já não se levantava e as suas hemoptises se repetiam com frequência. Os dias passavam sempre iguais e pareciam não ter fim, até que num domingo, enquanto os outros jantavam, ela expirou.

A terceira filha, Albertina, conheceu o Dr Fontoura quando sua irmã, Bela, estava doente. Este, fazia-lhe sempre a corte, ela de início, rejeitou, mas com o tempo acabou cedendo: “Para os velhos pais constituiu uma surpresa; para a Estrada Nova e suas amigas tomou um ar de um verdadeiro escândalo o namoro desgraçado em que Albertina vivia agora com o doutor Fontoura.” (FONTES, 2003, p. 158)

Não demorou muito para que Albertina resolvesse sair de casa e ir morar com o Dr Fontoura. Dessa vez, os pais ainda mais tristes pois ela saiu de casa para ir ser sustentada por um homem rico que não tinha a menor pretensão de se casar com ela:

“Sá Josefa tornou-se mais magra e mais nervosa. Geraldo acabou de embranquecer em poucos dias.

Quando acontecia de ficarem os dois a sós em casa, conservavam-se calados todo o tempo. A velha, arrumando aqui e ali, a suspirar. Ele, sentado ao batente da porta do quintal, o cachimbo apagado preso aos dentes o olhar perdido longe.” (FONTES, 2003, p. 174)

Após esses acontecimentos, os pais depositaram todas as suas esperanças em sua filha mais nova, Caçulinha, que acabara de ficar noiva do sargento Zeca:

“Não tardou muito, porém, e uma grande alegria inesperada veio contrabalançar tão grande dor.

Sargento Zeca esperava a realização de um concurso nos Telégrafos para pedir Caçulinha em casamento. Mas, vendo que a atingia aquele golpe, pôs de lado todas as considerações de ordem prática e apressou-se em ir-lhe solicitar a mão de esposa.

A só idéia de verem aquela filha - que hoje representava tudo para eles - com o futuro mais ou menos garantido, e um futuro melhor ante seus olhos, reconfortou os dois velhos de repente, deu-lhes um novo alento para a luta” (FONTES, 2003, p. 174)

Contudo, um dia Sargento Zeca convidou Caçulinha para conhecer a sua casa. Chegando lá, estando os dois a sós, aconteceu o que a mãe temia, ele a deflorou. Depois disso, as coisas mudaram:

“Era, na realidade, de espantar, o que no seu íntimo se passava! Dias antes, não suportaria nem a idéia de Caçulinha sofrer por sua causa; entretanto, após tudo o que ocorrera, vendo-a debater-se naquela doida aflição, era ele próprio que hesitava e refugia, quando um simples gesto seu teria o condão de arrancá-la ao desespero. Idéias utilitaristas, que dantes não encontravam pouso em seu espírito, raciocínios em desfavor de Caçulinha, que nunca lhe haviam aflorado ao pensamento - agora o assaltavam a quando e quando, insinuantes e fortes...” (FONTES, 2003, p. 205)

Quando Sá Josefa descobriu o que tinha acontecido com a filha resolveu procurar a Justiça, mas, como a família do ex-noivo possuía dinheiro, nada conseguiram. Por isso, ela resolveu sair de casa e ir morar por conta do doutor Gustavo, um advogado casado que tentou ajudá-la no processo contra Zeca.

Após mais esta decepção os pais resolveram voltar para o interior, agora sem esperança, tristes com o que aconteceu com a família:

“Chegaram a estação muito antes da hora da partida. Compradas as passagens e despachado o baú, logo se acomodaram no sujo vagão de segunda classe, tão parecido com aquele que os trouxera da Ribeira.

Pouco a pouco, o carro se foi enchendo de gente do interior empoeirada e mal vestida. Eram feireiros, na sua maioria pequenos lavradores, que haviam trazidos seus produtos para vender na Capital e agora retornavam aos seus lares. Lá também se achavam crianças e mulheres.

Sentados no mesmo banco de madeira, Geraldo e Sá Josefa não se diziam uma palavra...!” (FONTES, 2003, p. 235)

João Ribeiro foi o primeiro crítico da imprensa brasileira a esboçar sua opinião sobre a obra *Os Corumbas* de Amando Fontes, no dia 03 de agosto de 1993, em sua coluna no Jornal do Brasil (“Registro Literário”). Segundo ele *Os Corumbas* é um romance do proletário infeliz e desesperançado, vivendo entre ilusões e desenganos mortais:

“Uma pobre, família a dos Corumbas, vivendo na escassez, emigra de uma cidade do interior para a capital, o pequeno Aracaju, onde encontrará trabalho e onde os pais retirantes esperam colocar os filhos numa ou duas fábricas de fiação.

Três filhas dotadas de beleza despertam a cupidez daquele meio vicioso e brutalmente sensual. Dessas três meninas uma de saúde frágil, doente e inútil sucumbe e desaparece. As outras duas vão ser acolhidas em breve pelo Maloc de depravações a que resistem quanto podem. Mas afinal a miséria não tem forças bastante para resistir a cupidez dos homens. Albertina sucumbe às mãos de um sátiro que a seduz e, depois de farto e satisfeito, lança-a à prostituição. A outra, a Caçulinha, que era a esperança da família, começou a freqüentar a escola normal pensando que ela só poderia mais tarde ser o amparo dos velhos pais. As condições de vida apertada e insustentável atiram-na à fábrica, onde operária e indefesa sucumbe como a outra.

Um filho, o único homem, desnorteado pelo anarquismo, emigra para o Sul.

Enfim, os velhos pais que não podem suportar essa deserção da família do lar, vendo todos desmandados, extraviados e perdidos, sentem uma grande resignação que não é mais que a dura conformidade do destino. Entroolham-se e resolvem voltar à terra nativa donde não deveriam ter saído nunca na esperança falaz de melhor sorte. Essa volta patética é o epílogo da história.” (FONTES, 2003, p. 09 e 10)

Daí, percebe-se com clareza o determinismo presente em toda obra, pois, a família chega a conclusão de que é inútil lutar contra o destino, tentarem melhorar de vida. E eles não são os únicos a pensarem dessa forma. O doutor Barros, um velho advogado da cidade, por exemplo, lamentava-se:

“ – Há casos que, pela sua repetição quase diária, parecem-nos comuns e naturais. Vistos de perto, no entanto, bem pesadas suas razões determinantes, assumem proporções de uma grande dor. O que se passa com essa gente, que acaba de sair daqui dessa casa, é bem o exemplo vivo do que digo. Imaginem só vocês que aquela menina vai deixar a Escola Normal,

já em meio de curso, para ajudar o pão da família, internando-se numa fábrica...”(FONTES, 2003, p. 130)

Foi possível observar no decorrer da análise que tanto Sinhá Vitória quanto Sá Josefa não atingem seus objetivos e que ambas tentaram mudar vida por caminhos diferentes. Esta buscou na cidade a melhoria de sua família e aquela procurou uma terra menos árida onde pudesse se fixar com a família. Porém, o Determinismo se sobressaiu à força e a obstinação dessas mulheres, seja pela força destruidora da natureza ou pelo meio que determinou a vida fadada a miséria e ao descaso, dessas pessoas.

BIBLIOGRAFIA

BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira. 33 ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira. 42. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

FONTES, Amando. Os Corumbas. 25ª edição. São Paulo: José Olympio, 2003.

GONZAGA, Sérgio. Curso de Literatura Brasileira. 1ªedição. Porto Alegre: Leitura XXI, 2004.

MOISÉS, Massaud. A análise literária. 14. ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

RAMOS, Graciliano. Vidas Secas. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SODRÉ, Nelson Werneck. História da Literatura Brasileira. 9ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.